



ESPORTE E AUTISMO: Estratégias para inclusão nas aulas de Educação Física escolar durante o ensino-aprendizagem das modalidades coletivas

CLEMENTE, Marcella Campelo da Silva¹; LUCENA, Eduardo Victor Ramalho²;
BARBOSA, Amanda Gonçalves³; GONÇALVES, Jéssica Gomes⁴; ANDRADE,
Juliana Rodrigues Ferreira⁵; SILVA, Guthyerez de Souza Rodrigues⁶; BOULITREAU,
Paula Roberta Paschoal⁷.

Eixo Temático: Educação Física e inclusão escolar

RESUMO

O transtorno do espectro autista caracteriza-se pela dificuldade de comunicação e relacionamento social que os sujeitos apresentam em detrimento de disfunção no desenvolvimento neural. Por se tratar de um espectro, observamos que tais dificuldades variam singularmente. Identificamos que ao experimentar as modalidades coletivas, as crianças autistas têm oportunidades educacionais de inclusão nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), sendo de fundamental importância refletir sobre as estratégias de ensino-aprendizagem. Portanto, objetivamos analisar como o trato das modalidades coletivas colaboram para inclusão dos autistas durante o ensino-aprendizagem da EFE. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa de base etnometodológica do tipo relato de experiência, os registros foram realizados em diário de campo por meio de observação participante sistemática, numa escola pública federal situada em Recife/PE e posteriormente feita a análise de conteúdo. Inferimos que diante dos entraves de relacionamento entre os estudantes e da dificuldade de comunicação com os demais, as

¹ Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e voluntária do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: marcellacampelocl@gmail.com

² Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: edu.personal.judo@gmail.com

³ Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e voluntária do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: amandagobarbosa.124@gmail.com

⁴ Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: jessica.gomes.goncalves@gmail.com

⁵ Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: juliana.rfandrade@gmail.com

⁶ Estudante de graduação de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - campus Recife/PE e voluntário do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: guthyrod@gmail.com

⁷ Mestre em Educação Física, docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco – campus Recife/PE e preceptora bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES – e-mail: roberta.p.boulitrau@gmail.com



experimentações das modalidades coletivas orientadas com fundamentação em jogos situacionais, a partir da valorização da cooperação e da coletividade, favoreceram momentos inclusivos. Concluímos que, não apenas o conteúdo, mas as estratégias de ensino-aprendizagem propostas pelo docente para o trato pedagógico com os conhecimentos, conjuntamente, favorecem a inclusão do autista nas aulas de EFE.

Palavras-chaves: Autismo. Esporte Coletivo. Inclusão. Ensino-aprendizagem. Educação Física escolar.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que não possui uma origem específica e nem cura até então, contudo, apresenta algumas características próprias de comportamento como: dificuldades persistentes de se comunicar e de interagir socialmente, dificuldade de manter relacionamentos, déficit de aprendizagem e concentração, movimentos estereotipados e necessidade de se manter em uma rotina específica, aversão a sons altos, podendo apresentar irritabilidade, comportamentos auto lesivos, deficiência intelectual ou QI acima da média. Sendo assim, o autismo não é uma doença, nem uma deficiência, mas sim um transtorno, um distúrbio (SCHLIEMANN, 2013).

De acordo com Schliemann (2013) se estereotipa os autistas mediante as suas especificidades e/ou limitações, todavia, vale ressaltar que eles apresentam diversas qualidades e potenciais, e necessitam da humanização e do apoio do conjunto familiar, escolar e social, sendo incluídos nos diversos âmbitos a partir das suas singularidades e valores.

Para Souza Júnior (2006) o esporte é um fenômeno com relevância histórica, social, política e cultural porque carrega consigo códigos e significados característicos da sociedade capitalista, voltado ao tecnicismo numa dimensão complexa. Por isso, precisamos tratá-lo, na tentativa de desvinculá-lo da exigência e do estigma da necessidade de exigência do máximo rendimento, normas, sobrepujança, regulamentação rígida e racionalização dos meios e das técnicas que levam o estudante a adaptar-se aos valores.

Devemos buscar uma experiência crítica deste fenômeno que propicie condições de adaptação cultural e social de quem o pratica, o cria e o recria, sobretudo com relação às suas regras, técnicas e táticas. Assim sendo, podemos vislumbrá-lo como temática que diminui as arestas da marginalização, da exclusão, possibilitando e difundindo a inclusão, a partir de práticas corporais que oportunizam o contato do estudante com os saberes relativos à saúde, à qualidade de vida e ao bem-estar.

Isso se materializa através da vivência de modalidades esportivas coletivas (MEC) que engajam os sujeitos em torno de objetivos comuns como podemos observar em algumas formas de manifestação do esporte, tais como: o esporte de rendimento, o esporte educacional e o esporte de participação.



Segundo Tubino (2002) reconhece que as práticas esportivas tornaram-se um direito de todos, de modo que a concepção do esporte foi atualizada. Ao incluirmos essa perspectiva de ampliação às práticas esportivas é muito comum abordarmos sobre os esportes coletivos e o quanto é importante a sua relação com o TEA, mesmo que seja atípico em literaturas.

Schliemann (2013) aponta que a vivência de MEC acentua as possibilidades de inclusão as crianças autistas à medida que oportuniza o exercício de habilidades sociais de comunicação e interação em múltiplos contextos característicos do TEA.

Os estudantes autistas apresentam algumas dificuldades na compreensão de tarefas e atividades propostas pelo professor na hora da realização da prática, quando são propostos múltiplos comandos, o que gera um estado de confusão psicológica e ansiedade, o que pode tornar o ambiente absolutamente caótico.

Diante dos achados iniciais, o presente relato de experiência teve por objetivo analisar como o trato das MEC colaboram para inclusão dos autistas durante o ensino-aprendizagem da EFE.

MÉTODOS

A pesquisa configura-se como qualitativa uma vez que consideramos que os dados a serem investigados não poderiam ser objetivamente verificados apenas por meio de números, gráficos, tampouco poderia apresentar um resultado unívoco de caráter positivista. Concebemos uma abordagem que contemple a subjetividade e os atores sociais envolvidos na pesquisa (MINAYO, 2006).

Tomamos como base epistemológica a etnometodologia que de acordo com Coulon (1995) busca compreender a realidade dos atores sociais pesquisados *in loco*, observando as atividades cotidianas, sejam elas triviais ou eruditas, buscando analisar o significado das ações dos sujeitos.

A referida pesquisa foi realizada em três etapas: 1) fase exploratória onde foi feita a revisão bibliográfica e a análise documental para que fosse possível a construção de uma fundamentação conceitual para a imersão no campo; 2) a coleta de dados em diários de campo e; 3) a análise de dados.

O estudo é um relato de experiência com objetivo descritivo. Para tanto, os registros foram feitos em diário de campo por meio de observação participante sistemática.

Para realização deste estudo, foi elaborado um projeto de pesquisa que por sua vez foi submetido ao Setor de Orientação e Experimentação Pedagógica da escola para elaboração de parecer e liberação da pesquisa. Depois da liberação, foram elencadas quinze aulas de EFE de uma turma de 6º ano do ensino fundamental que tratassem da temática esporte, em especial com modalidades coletivas numa escola pública federal situada em Recife/PE.

Ao mesmo tempo a professora foi comunicada e consultada para participação na pesquisa. Posteriormente, foram elaborados os diários de campo e enviados os Termos de



Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o Termo de Assentimento para os responsáveis.

As aulas de Educação Física, com alunos dos sextos anos que contemplaram as modalidades de esporte coletivo: Basquete, Handebol e Futsal, ocorreram de 09 de agosto à 17 de setembro de 2019, e do dia 18 ao dia 20 de setembro foi realizada a análise de conteúdo com base em Bardin (2009) que gerou as categorias empíricas: Autismo, Esporte Coletivo, Inclusão, Ensino-aprendizagem e Educação Física escolar.

Os registros dos diários de campo foram associados às informações coletadas durante a fase exploratória e geraram os resultados desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi notório perceber que nas aulas iniciais que os alunos com TEA sentiam uma dificuldade pontual quanto a socialização com os demais alunos da sala, todavia, ao passar das aulas de Educação Física, foi observada uma melhoria a partir do engajamento deles com relação à turma, à professora e aos estagiários.

Em determinados momentos a motivação dada a eles não gerava resultados, visto que eles optavam pelo isolamento ou por simplesmente desistirem de realizar algumas atividades. Porém, na maioria das vezes, com persistência, e respeito ao tempo pedagógico de aprendizagem, tais estudantes foram se adaptando às aulas, interagindo mais com os colegas de sala e também com a professora e os estagiários.

Verificamos que eles se identificam com espaços mais amplos e em determinados momentos da aula, seja na sala de aula comum a turma ou na sala ambiente da Educação Física (quadra), eles levantavam e ficavam se deslocando, muitas vezes em movimentos circulares, como uma forma de se auto organizarem. Observamos que, quando lhes é permitido essa liberdade de maneira natural por parte de todos, com direcionamento, eles não se sentem tolhidos, mas, respeitados e posteriormente voltam para a aula/atividade.

As aulas de esportes coletivos foram de extrema importância para que eles se entrosassem com todos os alunos, obtendo maior presença e participação nas rodas de conversa, inclusive se identificassem em um grupo específico que desenvolveram maior proximidade e confiança, de modo que esse grupo os ajudavam a voltar para aula quando se dispersavam e os ajudavam nas atividades quando necessário, desenvolvendo assim o trabalho em equipe, trabalhando com a turma também a respeito de inclusão e valores propícios das modalidades coletivas.

Era também o momento de os autistas mostrarem para a turma e para si mesmos que eram capazes de realizar movimentos, sequências, de colocar em questão seus conhecimentos ou suas dúvidas. Ficou claro também, o incômodo com o barulho e a necessidade deles pelo perfeccionismo, como por exemplo em momentos da aula em que eram realizadas filas indianas, eles ficavam extremamente incomodados e estressados se alguém estivesse fora da fila ou se ela não estivesse perfeitamente reta.

Verificamos que estratégias com cores, músicas calmas, explicações específicas, às vezes repetidamente, vivências com tato (respeitando à vontade e espaço deles) foram positivas. Foi vivenciado também um acontecimento de comparação e indagação por



parte de um aluno autista, que em determinado momento de uma aula de Basquete em que o mesmo não conseguiu acertar a cesta em nenhuma das vezes, ele ficou bem irritado e triste, e relatou “Por que eu não consigo acertar? Eu sou diferente não é mesmo, tia?” A partir disso, ficou clara a necessidade de ser dialogado com esses alunos sobre – ser diferente – partindo do pressuposto de que o diferente não é ruim, é apenas, diferente. E que é necessário que todos respeitem as individualidades e diferenças uns dos outros, inclusive precisamos nos aceitar, aceitar nossas limitações e focar em nossas qualidades, por que todos nós temos pontos fracos e fortes e precisamos desenvolver os pontos fracos e potencializar o que temos e fazemos de melhor, atribuído ao desenvolvimento crítico, qualidade de vida e ao bem estar que a prática esportiva proporciona. A partir desse diálogo foi observado um maior estímulo e ânimo por parte dos alunos autistas quanto às aulas de Educação Física.

CONCLUSÕES

O esporte possui o objetivo de possibilitar ao aluno oportunidades de conhecer, aprender apropriando-se dos valores construídos ao longo da história da humanidade a partir das necessidades políticas e socioculturais através da diversidade de significação e ressignificação abarcada.

Inferimos que diante dos entraves de relacionamento entre os estudantes e da dificuldade de comunicação, as experimentações das MEC orientadas com fundamentação em jogos situacionais, a valorização da cooperação e coletividade, favoreceram momentos de inclusão quando o docente usa estratégia de explicação específica dos contextos. O estudante é capaz de perceber suas potencialidades, sentindo-se motivado e engajado nas ações com a turma.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. Neuropediatra tira dúvidas sobre Autismo e destaca importância do diagnóstico precoce. *Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)*. Publicação on-line em 02/04/2019 às 16h44. Disponível em <<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/pediatra-tira-duvidas-sobre-autismo-e-destaca-importancia-do-diagnostico-precoce/>>. Acesso em 25/08/2019 às 14h15.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 2009.

COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.



TUBINO, M.J.G. *As novas tendências profissionais na educação física e esportes*. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002.

SCHLIEMANN, A.L. *Esporte e Autismo: Estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com transtornos do espectro autista (TEA)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas), Campinas-SP: 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000949239>>. Acesso em 24/08/2019 às 20h43.

SOUZA JUNIOR, M. A Educação Física no currículo escolar e o esporte: possibilidade de remediar o recente processo esportivo brasileiro. In TAVARES, Marcelo. *Prática Pedagógica e formação profissional na Educação Física: reencontros com caminhos interdisciplinares*. Recife: EDUPE, 2006.